



PARTE 3  
DOSSIÊ EÇA DE QUEIRÓS

# PROBLEMATIZANDO O ESPAÇO EM *A CIDADE E AS SERRAS*, DE EÇA DE QUEIRÓS

Ivete Lara Camargos Walty\*

## RESUMO

A partir da dicotomia expressa no título da obra, analisam-se os espaços aí configurados e as personagens em seu trânsito, problematizando essa falsa dicotomia, que isenta o campo de questões sociais, colocando-o acima do bem e do mal, em oposição à cidade, que simbolizaria o espaço da degradação e da desumanidade. Para isso, levam-se em consideração as categorias de civilização e barbárie, relativizando seus limites sociais e textuais, fazendo flutuar o conceito de representação e seu jogo de máscaras.

Há anos atrás, quando li *A cidade e as serras*, obedeci à voz de comando do narrador e dividi o livro nos dois espaços mencionados pelo título numa representação de Paris e Tormes, metonímias de Portugal e França. Dessa forma, também eu acreditei que, após viver e entediar-se na grande civilização parisiense, batizada por José Fernandes de um verdadeiro baile de máscaras, Jacinto voltou a Tormes e aí ressuscitou, recobrando a saúde, as cores e a sexualidade. De um homem perdido entre dezenas de escovas de cabelo, apetrechos de tecnologia elétrica e milhares de livros, o Senhor de Tormes passa a equilibrado pai de família e magnânimo patrão. Tal transformação leva o criado Grilo a exclamar: “— *Sua excelência brotou!*”

*Sim! Aquele ressequido galho de cidade, plantado na serra, pegara, chupara o humo do torrão herdado, criara seiva, afundara raízes, engrossara de tronco, atirara ramos, rebentara em flores, forte, sereno, ditoso, benéfico, nobre, dando frutos, derramando sombra. E abrigados pela grande árvore, e por ela nutridos, cem casas em redor a bendiziam.* (Queirós, 1995, p. 123)

\* Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas.

José Fernandes não mede adjetivos para falar do seu príncipe, aquele mesmo diante de quem todos se curvam desde os tempos de escola, inclusive o próprio narrador. A metáfora da árvore em processo de desenvolvimento remete para a força da natureza e seu poder de transformação positiva.

A oposição entre a serra rija e a cidade caricaturada, marcada pela maquiagem de seus habitantes em constante representação, parece definitivamente conceder a Portugal o pólo positivo e promissor dessa comparação. Numa mistura de nacionalismo romântico, dos sonhos de Rousseau, e do determinismo ambiental do Realismo, o livro se construiria numa apologia da barbárie naquilo que ela tem de positivo: a possibilidade da diferença.

Vale lembrar que, muito mais recentemente, num mesmo movimento de busca de identidade, Carpentier escreve **Os passos perdidos** e faz uma apologia da selva, enquanto origem a ser reconquistada. Nessa narrativa, a representação é a marca do texto, seja no teatro dos cidadãos europeus, seja nos deslocamentos da cultura européia para as terras colonizadas, seja nos rituais telúricos.

Em busca da identidade perdida, não só a sua, mas a do ser humano, o narrador embrenha-se na selva amazônica, almejando deixar para trás suas máscaras, sobretudo a do intelectual inserido no jogo comercial da sociedade moderna.

*... com o difícil que é voltar a ser homem quando se deixou de ser humano. Entre o Eu presente e o Eu que aspirava ser algum dia se afundava em trevas o fosso dos anos perdidos. (Carpentier, 1985, p. 24)*

Voltando à Eça de Queirós, a última visita de José Fernandes a Paris é esclarecedora nesse sentido. Tudo o que já se renunciara na narrativa, agora se explicita: a cidade é um baile de máscaras. As personagens são as mesmas, como se pode ver na fala do duque de Marizac:

*Durante cinco anos em Paris, tudo continua... As mulheres com um pouco mais de pó-de-arroz, e a pele um pouco mais mole, e melada. Os homens com um tanto mais de dispesia. E tudo segue. (...) (Queirós, 1995, p. 125)*

Esse aspecto de envelhecimento e degradação é visto ainda no último passeio ao Bosque de Bolonha e na descrição dos mesmos *habitués*, como, por exemplo, Madame de Trèves que “continuava o seu sorriso de há cinco anos, com duas pregazinhas mais moles aos cantos dos lábios secos.”

As mulheres são, seguramente, metonímias do espaço que habitam. Paris são suas damas burguesas, decadentes e cobertas de pomadas, ou as mulheres importadas de Madagascar, “a provocação felina” do Oriente, em sua exotividade, a renovar o clima sensual e erótico da cidade em franca decadência. Sem esquecer a figura ambígua por quem Zé Fernandes se apaixona, que some assim como aparecera. Já a serra são não apenas suas mulheres/verduras e legumes, mas principalmente Joanhina, a

Flor da Malva.

Essa divisão entre a cidade e as serras já se prenunciara na visita de Jacinto e José Fernandes a Montmartre, região elevada de Paris. É ali, no lugar da construção da Basílica do Sacré Coeur, que o leitor conhece a preocupação dos protagonistas com a fome e com a má distribuição de rendas. Do alto da colina, os amigos filosofam sobre o desencanto da civilização:

*A tua civilização reclama insaciavelmente regalos e pompas, que só obterá, nesta amarga desarmonia social, se o Capital der ao Trabalho, por cada arquejante esforço, uma migalha ratinhada. Irremediável, é, pois, que incessantemente a plebe sirva, a plebe pena!* (Queirós, 1995, p. 49-50)

Aí se declara a desilusão com a cidade, sede uniformizadora e vil do Capitalismo, na medida em que reserva a poucos sua abundância, enquanto aos outros, à plebe, reserva a dor e a fome. Não é pois sem razão que a figura de Cristo é evocada, a despeito da crítica à Igreja. Como Cristo, Jacinto vê a cidade de cima da colina sagrada, metonímia das serras que passará a habitar, reinando com justiça sobre seus empregados e rendeiros. Assim a visita à Montmartre prefigura a mudança para Tormes. Lá a chaga da pobreza será extirpada porque a magnanimidade do Senhor é superior à de Cristo, cuja “passagem entre os homens foi tão curta.” José Fernandes conta a Jacinto a história daquele santo que se apaixonara por uma bela mulher, até que ela lhe mostrasse uma chaga no peito, e a compara com a situação do Senhor de Tormes ao descobrir a pobreza em suas terras, ao que este lhe responde: “— É verdade! Vi a chaga! Mas enfim, esta, louvado seja Deus, é das que eu posso curar!”

Bem delineados os dois espaços, chega a hora de relativizar seus limites, examinando melhor a própria narrativa. O primeiro parágrafo do livro situa o local de nascimento de Jacinto: “um palácio, com cento e nove contos de renda em terras de semeadura, de vinhedo, de cortiça e de oliva”. A descrição do local se explicita no segundo parágrafo: Baixo Douro/Portugal, mas imediatamente se esclarece que não foi aí que Jacinto nasceu, mas num palácio em Paris, “nos Campõs Elíseos, n. 202”.

Ora, a ambigüidade do primeiro parágrafo é, pois, reveladora de elementos que importa investigar. São dois países: França e Portugal, mas um só lugar social: o do proprietário, homem de posses, burguês privilegiado. Vale a pena percorrer mais uma vez a Paris, através dos olhos de José Fernandes e de Jacinto, para buscar outras nuances até agora veladas.

A primeira descrição do 202 é irônica em relação ao acúmulo de objetos reunidos por Jacinto: “toda uma mecânica suntuosa, aparelhos, lâminas, rodas, tubos, engrenagens, hastes, friezas, rigidez de metais...”. Além disso, fonógrafo, telefone, teatrefone... O 202 era a metonímia da cidade, por sua vez, sinônimo de civilização para Jacinto. Vale lembrar que, à época, havia as grandes exposições universais onde se fazia o culto à mercadoria. O 202 pode ser considerado uma dessas exposições, embora fosse particular.

Mas Jacinto passa do elogio sem limites ao tédio no meio do progresso tecnológico e intelectual. As expressões “que seca!”, “que maçada!” ocupam grande parte da narrativa, à medida que a cidade se desnuda frente ao seu habitante por excelência. Pode-se perguntar, então, se Jacinto teria algo do *flâneur* baudelariano.

A marca do *flâneur* era sua relação com a multidão. Diz Benjamin:

*O flâneur ainda está no limiar tanto da cidade grande quanto da classe burguesa. Nenhuma delas ainda o subjugou. Em nenhuma delas ele se sente em casa. Ele busca o seu asilo na multidão.* (Kothe, 1985, p. 39)

E é dessa multidão que ele se alimenta. Diz Benjamin: “A poesia de Baudelaire extrai a sua força do Pathos da rebelião dessa camada. Alinha-se do lado do associal”. (Kothe, 1985, p. 39)

Ora, para Jacinto, a cidade é, num primeiro momento, fonte de civilização e progresso do homem, e, depois, uma grande desilusão. Em nenhum momento ele mergulha na multidão, ou faz dela objeto de seu olhar, a não ser através da fala de José Fernandes, que se refere aos pobres, sem, no entanto, olhá-los mais detidamente.

*E, mais para sondar o meu Príncipe do que por persuasão, insisti na fealdade e tristeza destes prédios, duros armazéns, cujos andares são prateleiras onde se apinha a humanidade! A mais vistosa e de luxo nas prateleiras baixas, bem envernizadas. A reles e de trabalho nos altos, nos desvãos, sobre pranchas de pinho nu, entre o pó e a traça...* (Queirós, 1995, p. 24).

Ou ainda, na descrição da cidade feita por ele, quando de sua última visita. Tal descrição coincide com a das metrópoles feitas pelos estudiosos, como Simmel, que a mostram como lugar de fluxo constante de pessoas e objetos, onde os indivíduos são uniformizados às coisas. Lugar de fragmentação e do rompimento com os ciclos históricos tradicionais. Diz José Fernandes:

*Com o charuto aceso contemplei o Boulevard, àquela hora em toda a pressa e estridor da sua grossa sociabilidade. A densa torrente dos ônibus, calhambeques, carroças, parcelhas de luxo, rolava vivamente, com toda uma escura humanidade formigando entre patas e rodas, numa pressa inquieta. (...) Mas da rua aos telhados, em cada varanda, por toda a fachada, eram tabuletas encimando tabuletas, que outras tabuletas apertavam; e mais me cansava o perceber a tenaz incessância do trabalho latente, a devorante canseira do lucro, arquejante por trás das frontarias decorosas e mudas.* (Queirós, 1995, p. 126)

É evidente a crítica à cidade como espaço da economia monetária, da acumulação capitalista, onde o indivíduo não vale nada, é sempre um desconhecido entre outros.

*Bem certamente estava ali como perdido num mundo, que me não era fraternal. Quem me conhecia? Quem se interessaria por Zé Fernandes? Se eu sentisse fome, e o confessasse, ninguém me daria metade do seu pão. Por mais aflitamente que a minha face revelasse uma angústia, ninguém na sua pressa pararia para me consolar.* (Queirós, 1995, p. 126)

O progresso é mordazmente criticado, em seu aspecto massificador e desumano. A rua, ou melhor, o *boulevard* é o espaço onde tudo isso se condensa, como já o mostrara Baudelaire. Diz Zé Fernandes:

*Aquele Boulevard resumava para mim um bafo mortal, extraído dos seus milhões de micróbios. De cada porta me parecia sair um ardil para me roubar. Em cada face avistava à portinhola de um fiacre, suspeitava um bandido em manobra. Todas as mulheres me pareciam caiadas como sepulcros, tendo só podridão por dentro. E considerava de uma melancolia funambulesca as formas de toda aquela multidão, a sua pressa áspera e vã, a afetação das atitudes, as imensas plumas dos peitos alteados, o dorso redondo dos velhos, olhando as imagens obscenas das vitrinas.* (Queirós, 1995, p. 127)

A longa citação se justifica para mostrar a preocupação do narrador em mostrar a face podre da cidade, bem como sua consciência de que a cidade era o palco da exploração do homem pelo homem, do lucro, da injustiça social. Mas, eu me pergunto: onde os operários? Onde os pobres? Os catadores de papel? As prostitutas em seu trabalho? À vista da multidão e suas mazelas, José Fernandes prefere dar adeusinho à cidade e recolher-se à sombra do Senhor do Castelo, em Tormes. Não é sem razão que o 202 se transforma num museu, congelando a cidade e a civilização, num movimento nostálgico e alienado.

*E então, passeando através das salas realmente me pareceu que percorria um museu de antiguidades; e que mais tarde outros homens, com uma compreensão mais pura e exata da vida e da felicidade, percorreriam, como eu, longas salas, atulhadas com os instrumentos da supercivilização, e, como eu, encolheriam desdenhosamente os ombros ante a grande ilusão que findara, agora para sempre inútil, arrumada como um lixo histórico, guardado debaixo de lona.* (Queirós, 1995, p. 128)

O olhar de Zé Fernandes sobre Paris é o olhar do autor implícito. Este olhar paira sobre a multidão, mas não a penetra. Não é, pois, o olhar do *flâneur*, nem é, então, o olhar do intelectual assimilado pela sociedade, que fazia do *boulevard* o seu posto de observação.

Embora apresente a sociedade como teatro, o sujeito não se expõe enquanto ator, “no espetáculo da rua e do discurso” (Souza, 1991). Não se apresenta, pois, como objeto, na medida em que busca uma verdade interior. Não se quer exposto em uma vitrina ou no discurso, antes se refugia nas serras, inserindo-se no que julga eterno.

*... e eu tão longe de amarguradas ilusões e de falsas delícias, trilhando um solo eterno, e de eterna solidez, com a alma contente, e Deus contente de nós...* (Queirós, 1995, p. 131)

Assim, mesmo parecendo fazer um romance-panorama, Eça se afasta dele porque elogia as serras em detrimento da cidade. Ele opta por não penetrar nos sulcos de que nos fala Jacinto:

— *Tu não os sentes Zé Fernandes. Vens das serras... Pois constituem o rijo inconveniente das cidades, estes sulcos! É um perfume muito agudo e petulante que uma mulher larga ao passar, e se instala no olfato, e estraga para todo o dia o ar respirável. É um dito que se surpreende num grupo, que revela um mundo de velhacaria, ou de pedantismo, ou de estupidéz, e que nos fica colado à alma, como um salpico, lembrando a imensidade da lama a atravessar. Ou então, meu filho, é uma figura intolerável pela pretensão, ou pelo mau gosto, ou pela impertinência, ou pela relíce, ou pela dureza, e de que não se pode sacudir a visão repulsiva... Um pavor, estes sulcos, Zé Fernandes! De resto, que diabo, são a pequeninas misérias de uma civilização deliciosa!* (Queirós, 1995, p. 24)

E aqui se repete a coincidência com Carpentier na obra citada. Também aqui a barbárie é vista positivamente como forma de purificação, de libertação, de reencontro da identidade. Assim como o narrador de **Os passos perdidos** tenta renegar a civilização em busca de um estágio de vida não corrompido, também o narrador de **A cidade e as serras** o faz. Mas a origem não existe e, como bem mostra Flora Sussekind, traz consigo “linhas duplas, linhas de sombra, mapas e marcas de terras inundadas e formigueiros, em vez da reafirmação de essências e atemporalidades”. (Sussekind, 1990)

Observe-se, nesse sentido, que a cidade está no singular e as serras no plural. Apenas uma face da cidade é apresentada por Eça. Paris não era e não é uma cidade, mas muitas. A escolhida por Eça é a Paris da burguesia, do não-trabalho. Diferentemente de Víctor Hugo, em **Os miseráveis**, Eça focaliza o senhor e não o servo. Diferentemente de Baudelaire, o tédio leva à fuga e à conseqüente felicidade.

Poder-se-ia afirmar que Jacinto se declara socialista e melhora as condições de vida de seus empregados. Mas, vale lembrar que a bandeira carregada por Jacintinho é a bandeira da propriedade. O castelo em que Jacinto nasceu permanece, não interessa se no 202 ou em Tormes.

*E na verdade me parecia que, por aqueles caminhos, através da natureza campestre e mansa, o meu Príncipe, atrigueirado nas soalheiras e nos ventos da serra, a minha prima Joaninha, tão doce e risonha mãe, os dois primeiros representantes da sua abençoada tribo, e eu, tão longe de amarguradas ilusões e de falsas delícias, trilhando um solo eterno, e de eterna solidez, com a alma contente, e Deus contente de nós, serenamente e seguramente subíamos – para o Castelo da Grã-Ventura!* (Queirós, 1995, p. 131)

Não se quer com esta leitura cobrar uma diferente postura do autor, uma postura revolucionária, deslocadora dos lugares sociais. Quer-se apenas relativizar a dicotomia espacial instaurada pelo título, problematizando essa falsa dicotomia, que isenta o campo de questões sociais, colocando-o acima do bem e do mal. Além disso, Portugal também se isenta de julgamento político ou social, já que, comparado a Dom Sebastião, Jacinto vem como novo messias para salvar os oprimidos, pelo menos, os que lhe estão afeitos. Curioso observar como a comparação do Senhor de Tormes com o absolutista Dom Miguel incomoda Zé Fernandes nas festa de seu aniversário, mas sua comparação com Dom Sebastião é reforçada:

*E eu próprio me impressionei, quando Melchior me contou que o João Torrado, um velho singular daqueles sítios, de grandes barbas brancas, de uma cova no alto da serra, a todos afirmava que aquele bom senhor era El-Rei D. Sebastião, que voltara!* (Queirós, 1995, p. 109)

Ou no encontro de Jacinto quando João Torrado lhe toma as mãos dizendo: “— Mão real, mão de dar, mão que vem de cima, mão já rara!”

Jacinto é dado como o pai dos pobres, como o messias salvador, como o senhor do castelo. E como tal é consagrado na narrativa. Diferentemente de Saramago que, ao criticar os europeus, e mais precisamente os franceses, não poupa os próprios portugueses de sua ironia, a crítica de Eça de Queirós não atinge os próprios portugueses. O momento é outro, a visão é outra, mas vale observar a relação entre eles na medida em que a literatura nos permite a ponte, ou melhor, a jangada de pedra, a circular entre espaços e tempos diversos.

## RÉSUMÉ

À partir de la dichotomie présente dans l'œuvre, on analyse les espaces qui s'y trouvent configurés et les personnages qui transitent dans ces espaces, en mettant en cause cette fausse dichotomie qui exclue le champ des questions sociales, situé au-dessus du bien et du mal, en opposition à la ville qui symboliserait l'espace de la dégradation et de l'inhumanité. Pour cela, on considère les catégories de civilisation et de barbarie, en relativisant leurs limites sociales et textuelles, en faisant osciller le concept de représentation et son jeu de masques.

### Referências bibliográficas

01. CARPENTIER, Alejo. *Os passos perdidos*. Trad. Joseli Viana Batista. São Paulo: Brasiliense, 1985.
02. KÖTHE, Flávio. *Walter Benjamin*. São Paulo: Ática, 1985.
03. QUEIRÓS, Eça de. *A cidade e as serras*. 21. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1995.
04. SIMMEL, Georg. *Metrópole e vida mental*. In: VELHO, Otávio. (Org.) *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
05. SOUZA, Eneida Maria de. *Sujeito e identidade cultural*. In: *Revista Brasileira de Literatura Comparada*. n. 1, Niterói, 1991.
06. SUSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.